

A IDEIA

N.º 1

MAIO 1974

ORGÃO ANARQUISTA ESPECÍFICO DE EXPRESSÃO PORTUGUESA



COMO ÍAMOS DIZENDO...

O anarquismo nunca morreu em Portugal.

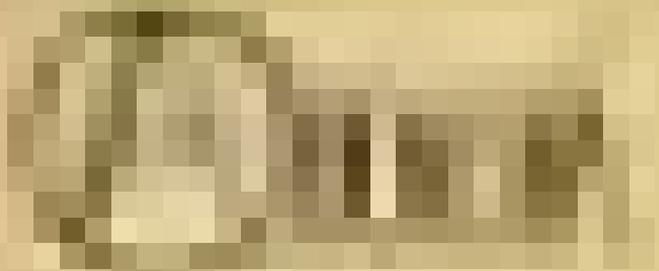
Ele encontrava-se em plena ascensão quando — e justamente por causa disso — a ditadura veio travar o seu desenvolvimento utilizando para tal os métodos mais bárbaros e inumanos.

Ele desenvolvia-se, de facto, em pleno ambiente operário, a par e passo da afirmação crescente — tanto numérica como ideológica — da Confederação Geral do Trabalho, como associação livre de milhares e milhares de trabalhadores em busca da concretização de um ideal de emancipação social.

A história desse movimento genuinamente popular e trabalhador, só agora começa a ser feita. Era bem tempo ! Primeiramente, teve que se vencer ou iludir o todopoder da censura oficial. Em segundo lugar, houve que rasgar o véu mistificador que os democratas e socialistas tinham estendido sobre o período da República parlamentar (1910-26) pretendendo-a fazer passar por uma época de progresso e de renovação nacional, onde as lutas entre operários e patrões, por exemplo, seriam coisa de pouca monta. Finalmente, tratava-se, e **trata-se**, de moderar a pretensão do partido comunista em querer apresentar a luta contra a ditadura como monopólio seu.

O 7 de Fevereiro de 1927, a revolta da Madeira, o 18 de Janeiro de 34, o atentado contra Salazar em 37, as sabotagens aos meios de ajuda aos mercenários franquistas, foram acções em que grupos de homens livres e fraternais arriscaram **tudo** o que possuíam, isto é, a **vida**, pelo triunfo da Liberdade. Esses homens foram os anarquistas.

Depois, durante anos e anos, foi o silêncio, pelo menos aparente. Silêncio das prisões e campos de concentração. Silêncio de espera e de confiança nas ideias, com a certeza de que elas nunca poderiam morrer.



[Illegible text]

[Illegible text]

O dia 25 de Abril de 1974 fica marcado na história do povo português como um marco inconfundível; depois de 48 anos de terror e de obscurantismo fascista, o regime afunda-se nas próprias cinzas mercê do golpe decisivo que lhe assestam aqueles mesmos que constituíam o seu suporte e a sua defesa. O instinto popular não se enganou na hora precisa de fazer explodir a sua alegria, de descer à rua para marcar de maneira inequívoca as suas verdadeiras aspirações de liberdade e de justiça.

A grande roda da Revolução começou a girar nas bandas da Península Ibérica. Ninguém pode dizer neste momento até onde este turbilhão de energia popular poderá chegar. Ele é feito de lágrimas contidas, de noites de sofrimento, de anos de desespero. De sede de liberdade e de igualdade que nenhum governo, nenhum novo «salvador», será capaz de satisfazer. De disponibilidade e de criatividade também, que só pedem algumas orientações para saberem onde se aplicar, para resolver **directamente**, sem intermediários nem «profissionais», todos os problemas concretos que se põem ao estabelecimento de uma sociedade à medida de todas as aspirações do povo trabalhador. **Feita por ele, para a felicidade de todos.**



Os anarquistas, estão presentes ao «rendez-vous». Eles são como uma gota de água na onda de liberdade que varre o país. Mas a **ideia** que transportam nos seus cérebros — e nos corações também — é à imagem de um oceano que contém os mais largos anseios humanos. E como diziam os marinheiros anarquistas revolucionários de Cronstadt durante a revolução russa: «Onde quer que esteja um de nós, aí estará a frota inteira!»

Os anarquistas não ambicionam ao poder, qualquer que ele seja. Eles pensam que, por muito boas intensões que tenham, os governantes acabam sempre por se transformar em opressores do povo. Que as armas nas mãos de soldados buscarão sempre alguém, mais fraco, a quem dizer: «mãos ao ar». Os anarquistas são por uma sociedade totalmente livre, sem Estado, sem patrões nem proprietários, onde os trabalhadores decidirão, nas suas associações económicas próprias, de todas as questões do trabalho e da produção dos bens; onde as Comunas ou municípios, geridos pelo povo, decidirão de todos os assuntos de interesse colectivo; onde, finalmente, todo o edifício social será livremente construído, numa base federalista, sem burocracias nem poderes de repressão. Os anarquistas não têm nenhum Partido, nem interesses de Partido. Têm as suas ideias e defendem-nas em todos os lugares e ocasiões. Integram-se nos organismos autónomos populares e opõem-se a que eles sejam manipulados pelos políticos. Revoltam-se, enfim, contra todas as desigualdades e todas as opressões.



A presente publicação, A IDEIA, é um testemunho deste ressurgimento, em que jovens aparecem a dar o braço à geração sacrificada mas nunca vencida. Um testemunho. Sem mais — mas também sem menos. Ela não «representa» o movimento, não é «órgão oficial» de uma corrente de ideias, mas aparece **dentro** desse movimento e como expressão dele.

Ela define-se como órgão específico reclamando-se abertamente do **Anarquismo Social**, de uma linha de conduta muito precisa que passa por Bákunin, Malatesta e Berneri e se realiza nos momentos de maior vigor colectivo das revoluções mexicana, russa e espanhola. E nesta ordem de ideias, os anos de silêncio da presença libertária em Portugal são apenas considerados como a **noite totalitária** que forçosamente tem de anunciar um novo **alvorecer**.

E para nós:

PARA ALEM DO IDEAL, HA SEMPRE UM NOVO IDEAL.

BIOGRAFIAS

MARIO CASTELHANO



Nasceu em Lisboa em 1896, filho de uma família modesta. Aos 14 anos começou a trabalhar na Companhia dos Caminhos de Ferro, a C. P., primeiro como factor, mais tarde como amanuense.

Participou activamente nas grandes greves dos ferroviários de 1911, 1918 et 1920. A sua destacada actuação sindical neste último movimento custou-lhe o despedimento da C. P., continuando no

entanto a militar nas organizações sindicais dos ferroviários.

Redactor-principal dos jornais O FERROVIARIO e A FEDERAÇÃO FERROVIARIA, entra em 1926 para o Comité Confederal da C.G.T. e assume a direcção d'A BATALHA.

Libertário e anarco-sindicalista convicto, participa activamente no movimento revolucionário do 7 de Fevereiro de 1927. Actuando daí em diante na clandestinidade, é preso em Julho desse ano e deportado em Novembro para Angola.

Transferido em 1930 para a Ilha do Pico (Açores), consegue escapar-se para a Madeira quando aí rebenta a revolta de Março 1931, onde desempenha um papel importante.

E preso de novo em Lisboa em 1934 após a derrota da greve geral insurreccional de 18 de Janeiro. Espancado e incomunicável durante 30 dias na Trafaria, é deportado para Angra do Heroísmo com muitos outros companheiros.

Transferido em 1936 para o Campo da Morte do Tarrafal, aí sucumbe a uma febre epidémica provocada pelas terríveis condições a que são sujeitos os melhores filhos do povo trabalhador português. Tinha 40 anos.

CAMILLO BERNERI



Anarquista italiano, teórico e homem de acção de grande projecção no movimento libertário mundial.

Entra em 1917 nas Juventudes Anarquistas, revoltado contra a atitude conciliante do socialismo marxista parlamentar para com a guerra europeia.

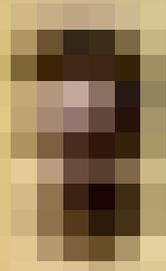
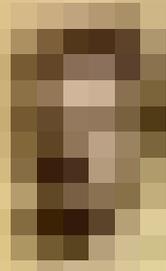
A partir de 1920, em plena crise revolucionária na Itália, colabora activamente na organização e na imprensa do movimento libertário italiano. Professor de liceu, escreve para «L'Umanità Nuova», «Volontà», «L'Avvenire Anarchico», «La Rivolta».

Após a instauração do fascismo, é obrigado ao exílio e conhece as prisões de mela Europa.

Amigo de Malatesta, torna-se no entanto notado pela sua independência de julgamento e pelo horror que tem pelas ortodoxias. Publica com Luigi Fabbri, Ugo Fedelli e outros uma revista famosa: «Pensiero e Volontà», que toma parte na polémica gerada em torno da chamada «Plataforma de Archinoff».

Em 1936, integra os voluntários italianos que vêm combater para Espanha nas milícias da CNT-FAI. Aí publica um jornal puramente anarquista: «Guerra di Classe» onde defende posições radicais para a consolidação da revolução social.

Depois da semana sangrenta de Barcelona em Maio de 37, Berneri é preso pela polícia secreta de Stalin e bárbaramente assassinado nas trevas de uma masmorra. Morto porque era anarquista e lutava sem compromissos pela liberdade.



CURIOSIDADES ANARQUISTAS

A BANDEIRA NEGRA

Sébastien Faure explica na Enciclopédia Anarquista o significado que os anarquistas dão às diferentes bandeiras: «a branca, simbolo da monarquia ou um pedido de armistício; a vermelha, que como a tricolor, tem os seus fanáticos que, perante ela, se entregam às mesmas mímicas e cerimónias».

«Os anarquistas, precisa Faure, têm também uma bandeira. Ela é negra. Mas os anarquistas são os únicos que vêem nela, não um simbolo, mas um pedaço de trapo que serve a reunir os companheiros numa manifestação. Ser-lhes-ia indiferente utilizar um cartaz ou qualquer outro objecto. Mas a bandeira é mais prática e vê-se bem ao longe. Acontece por vezes que eles a defendam, não porque valha a pena bater-se por um trapo e arriscar por ele a vida, mas porque aquilo que os inimigos atacam são as suas ideias.»

Em Julho de 1830 que a bandeira preta flutua pela primeira vez num edificio público: na Câmara Municipal de Paris. Pouco depois, os pedreiros de Reims inscrevem nas pregas do estandarte negro: **Trabalho ou Morte**. Em 1831 os «cannuts» de Lyon, que ganham menos de 20 patacos por 16 horas de trabalho, desfraldam a bandeira negra com a caveira da morte.

Em 1871, a Comuna de Paris, adopta por emblema a bandeira vermelha. Jules Vallés propõe em vão a negra, «mais perigosa porque mais triste».

A influência de Luisa Michel, em sinal de luto por todos os «communards» assassinados, foi determinante na adopção da bandeira negra pelos anarquistas, por volta de 1883.

O negro com caveira, é ainda arvorado pelos homens de Makhno, libertário ucraniano, em luta contra os exercitos brancos de Denikine e Petlioura e o exercito vermelho de Trotsky.

De 1936 a 1939, ela flutua na Catalunha e conduz a famosa coluna dos milicianos de Durruti.

Em Maio de 1968, nas primeiras barricadas parisienses, a bandeira negra reaparece ao lado da vermelha.

*

**

«Nunca acreditei que, mesmo nas condições mais favoráveis, os operários conseguissem impôr aos camponeses o colectivismo ou o comunismo, e **nunca o desejei**, porque, amando sincera e apaixonadamente a liberdade, recuso todo e qualquer sistema imposto. Esta falsa idela, esta esperança liberticida, constituem a aberração fundamental do comunismo autoritário que, precisando de recorrer à violência regularmente organizada, tem necessidade do Estado, e com ele, do principio de autoridade e de uma classe privilegiada do Estado. O colectivismo só pode **impôr-se** a escravos — por definição — e desde logo se converte em negação da humanidade. Num povo livre, o colectivismo instaurar-se-à pela força das coisas, não por imposição vinda de cima, mas pelo movimento espontâneo da base: livre e necessariamente unido, quando, varridas pela revolução, terão desaparecido as condições do individualismo privilegiado, a política do Estado, os códigos penal e civil, a família jurídica e o direito hereditário».

MIGUEL BAKUNIN



BIBLIOGRAFIA

PEQUENA SELECÇÃO DE LIVROS SOBRE A GUERRA CIVIL E A REVOLUÇÃO ESPANHOLA :

- **La CNT en la revolución española**, por José Peirats, última edição: Ruedo Ibérico, Paris, 1971. 3 volumes, preço 110 F.
 - **Enseñanzas de la revolución española**, por Vernon Richards. Edição Belibaste, Paris, 1971, 268 pag., preço 25 F.
 - **La revolución española. Las izquierdas y la lucha por el poder**, por Burnett Bolloten, edição Jus, México, 1962.
 - **Por que perdimos la guerra**, por Diego Abad de Santillán, edição Isman, Buenos Aires, 1940.
 - **Les anarchistes espagnols et le pouvoir**, por César M. Lorenzo, edição Seuil, Paris, 1969, 424 pag., 30 F.
 - **A travers les révolutions espagnoles**, por L. Nicolas, edição Pierre Belfond, Paris, 1971, 190 pag., 10 F.
 - **Paradigma de una revolución**, por Abel Paz, edição A.I.T., 1967, 181 pag., 6 F.
 - **Collectivisations. L'œuvre constructive de la révolution espagnole**, edição C.N.T., Toulouse, 1965, 165 pag., 6 F.
 - **Espagne libertaire, 1936-1939**, por Gaston Leval, edição Cercle-Tête de Feuilles, Paris, 1971, 399 pag., 35 F.
 - **L'Autogestion dans l'Espagne Révolutionnaire**, por Frank Mintz, edição Bellbaste, Paris, 24 F.
 - **La Catalogne libre (1936-1937)**, por A. e D. Proudhommeaux, edição «Le Combat Syndicaliste», Paris, 1970, 62 pag., 4 F.
 - **La Guerre de Classes en Espagne**, por Camillo Berneri, edição Spartacus, Paris, 48 pages, 4 F.
 - **Cataluña 1937**, por George Orwell, edição Proyección, Buenos Aires, 1964, 247 pag., 15 F.
 - **La Révolution et la Guerre d'Espagne**, por Pierre Broué e Emile Témime, edição Minuit, Paris, 1961.
-



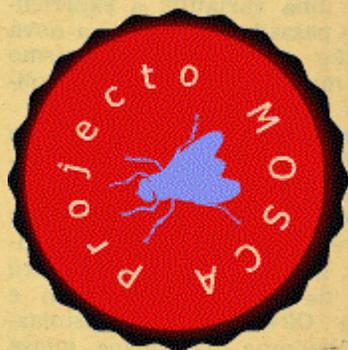
Divine Anarchie,
Adorable Anarchie,
Tu n'est pas un système,
un parti,
une référence,
Mais un état d'âme !

LÉO FERRÉ

1875

1875

1875



AIDEIA

1 F.
2,50 ESC.

Publication non-périodique.

Correspondance : Escartin B.P. n° 41 — 92190 Meudon (France).

Abonnement de soutien : 20 F. (correspondant à 4 numéros).

Editeur responsable : Germain Parès.

Dépôt légal : 2^e trimestre 1974 à Paris.

1000

THE HISTORY OF THE

